

# A definição de escopo dos advérbios focalizadores no português brasileiro

**Edson Rosa Francisco de Souza  
(UNICAMP)**

## RESUMO

Com base nas colocações de Dik (1989), Van Valin & Lapolla (1997) e Van Valin (1999), o objetivo deste trabalho é investigar os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos atrelados ao uso de advérbios Focalizadores na atribuição de Foco a determinados constituintes da oração no português falado do Brasil. Em outras palavras, o que se objetiva aqui é verificar se no português brasileiro, o Foco incide apenas sobre os constituintes da oração ou se ultrapassa os limites sintáticos estipulados por ela.

Palavras-chave: Gramática funcional; Advérbios focalizadores; Foco; Escopo.

## Introdução

Ancorado nos pressupostos teóricos da perspectiva funcionalista adotada por Dik (1989; 1997) e

Hengeveld (1997), para a qual a linguagem é primariamente definida como um instrumento de interação verbal, o presente trabalho tem por objetivo analisar os diferentes aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos atrelados ao uso de advérbios focalizadores (*exatamente, principalmente, justamente, somente, também*, etc.) na atribuição de Foco a determinados constituintes da oração no português falado do Brasil (PB). Nesse sentido, levando-se em consideração as colocações de Van Valin & Lapolla (1997) e Van Valin (1999), acreditamos que o PB, diferentemente do Inglês, é uma língua que apresenta uma estrutura de foco flexível e uma estrutura sintática relativamente rígida, com o Foco podendo incidir sobre qualquer constituinte da oração. Em se tratando do processo de interação verbal, representado em Dik (1989, p. 8), a nossa expectativa é a de que o Foco atue apenas sobre um constituinte da oração, haja vista que a conversação procura sempre se instaurar a partir de alguma informação já conhecida entre os interlocutores. Em outros termos, o diálogo entre essas duas teorias funcionalistas nos permitirá checar se o que o Dik propõe como teoria de Foco, que se aplica somente à predicação, é o suficiente para classificar as ocorrências de Foco do PB, marcado pelos advérbios focalizadores (AdvFs). Se a teoria de Dik for totalmente aplicável aos nossos dados, então, a tendência é a de que o português apresente, conforme Van Valin & Lapolla, somente casos de Foco estreito, visto que é o único tipo de Foco que inclui em seu escopo apenas um constituinte da oração.

As duas primeiras seções trazem um breve resumo dos conceitos teóricos necessários para a apresentação do trabalho: a seção 1 trata da noção de escopo na literatura lingüística a partir do uso de advérbios focalizadores; a seção 2 traz um esboço dos princípios teóricos da Gramática Funcional. Na seção 3, por sua vez, apresenta-se a análise e a interpretação dos diferentes tipos de escopo dos AdvFs. Por fim, a última seção traz as considerações finais.

## 1 Noção de escopo

Segundo Ilari (1992), o escopo é definido como o conjunto de conteúdos afetados por algum operador (no caso os advérbios focalizadores). Baseado nessa definição, Possenti (1992) assinala que, em determinadas situações, o comportamento de advérbios como *também* e *só* pode-se distanciar do uso prototípico, principalmente no que diz respeito à delimitação do escopo. De acordo com o autor, advérbios como *também* pressupõem sempre algo (seja uma coisa, uma ação, um evento, uma qualidade, uma relação etc.) ao qual se soma, explicitamente, outra coisa, evento, qualidade etc., que é o escopo de *também*. O usual é que apareçam explicitamente tanto o elemento pressuposto quanto o que se inclui, embora haja exemplos em que o pressuposto não é expresso, como em (1):

- (1) *também nós ouvimos...muitas vezes...podemos dizer...faça resumo*  
(EF/POA/278:361)

em que está pressuposto que outras pessoas, além de “nós”, explicitamente presente, ouviram “faça resumo” (cf. POSSENTI, *idem*, p. 307).

É importante dizer que esse mesmo elemento “pode ter no seu escopo várias classes de palavras, além de sintagmas com várias funções sintáticas” (*id. ibid.*, p. 309). Os exemplos a seguir poderiam, nas palavras do autor, bastar para confirmar esta afirmação:

- (2) *quando nós falamos em instrumentos de avaliação...fala-se também em níveis de consecução de objetivos* (EF/POA/278:05)
- (3) *tudo é à base de peixe e peixes também desconhecidos para nós* (DID/RJ/328:345)
- (4) *Certo...eu também concordo* (EF/POA/278:244)

Em (2), nota-se que o escopo do advérbio *também* incide sobre o objeto “em níveis de consecução de objetivos”, tomado como a informação mais importante. Em (3), o Foco recai sobre o adjunto adnominal “desconhecidos para nós”, perfazendo, juntamente com outras ocorrências, um caso em que o advérbio aparece na posição pós-verbal. Já em (4), um pouco mais complicado, *também* tem sob o seu escopo o sujeito “eu” e não o verbo “concordar”, já que parece ficar claro que o locutor tem a mesma opinião do interlocutor, daí, segundo Possenti ser possível a paráfrase “também eu concordo”.

Já advérbios como *só* e *apenas*, que têm como efeito a exclusão de tudo o que não está no seu escopo, são definidos pelo autor como detentores de um comportamento mais tranquilo e relativamente mais “lógico”. De acordo com Possenti, os advérbios apresentados aqui costumam ter um escopo definido, com sua posição dependendo estritamente dele. Isto não significa, no entanto, que a ordem seja sempre rígida, mas que apresenta “uma liberdade de posicionamento cujo limite é a possibilidade de o escopo resultar por demais obscurecido” (POSSENTI, 1992, p. 308). Como regra geral, os advérbios investigados por Possenti tendem a se colocar em posição adjacente ao escopo, com preferência para a posição anterior, ou melhor, à esquerda do elemento focalizado.

Conforme Ilari *et alii* (1990, p. 109), em sentenças sintaticamente mais articuladas, a interpretação de *só*, *apenas* e *somente* pode ser mais delicada, bem como se vê abaixo:

O escopo desses advérbios varia bastante, embora coincida geralmente com um dos constituintes posicionados à sua direita; é o que se pode verificar em sentenças como “João só saiu” (e não fugiu, por exemplo), “João saiu só com Maria” (e não com outras pessoas), “João só saiu por alguns minutos” (e não por mais tempo), cuja análise envolve outros problemas (de entoação, etc.)

Nos termos dos autores, os advérbios que expressam exclusão podem interagir com a negação com resultados bastante variados. Nesse caso, em “Não só João saiu”, continua pressuposta a saída de João, mas nega-se explicitamente, no nível da asserção, que essa saída seja a única. Já em “Só

João não saiu”, o pressuposto é que João não saiu, mas afirma-se que “não sair” diz respeito exclusivamente a João.

Como visto anteriormente, a tendência é a de que os AdvFs apareçam sempre ao lado dos elementos que tomam por escopo (mais especificamente à esquerda do escopo), entretanto, vale dizer que isso nem sempre acontece, já que, em algumas ocorrências, os advérbios ficam distantes dos elementos que eles focalizam.

## 2 Arcabouço teórico

Para Dik (1989), a atribuição de *Foco* a um constituinte qualquer da oração é o que justifica, por exemplo, a presença de uma ordenação especial dos elementos lingüísticos ou a utilização de advérbios focalizadores (partículas de foco), uma vez que esses mecanismos constituem dois tipos especiais de estratégias de foco utilizadas pelo falante para pôr em destaque uma informação que ele considera importante para ser integrada à informação pragmática do ouvinte (cf. BRAGA, 1999).

A função de Foco de uma expressão lingüística é a informação relativamente mais importante ou saliente num dado contexto de interação verbal e, avaliada pelo falante (F), como essencial para ser integrada na informação pragmática do ouvinte (O). A informação focal se refere, então, às mudanças que F deseja provocar na informação pragmática de O. Essas mudanças podem assumir diferentes formas: F pode adicionar partes de informação no quadro pragmático de O ou pode substituir alguma parte de informação que ele acredita que O tenha por outra que ele próprio possui. Em qualquer caso, deve sempre haver alguma diferença entre a informação pragmática do falante e o quadro de pressuposições que ele tem da informação pragmática de ouvinte (cf. PEZATTI, 2003). Assim, a depender de sua intenção comunicativa, o F constrói seu enunciado atribuindo aos constituintes oracionais funções pragmáticas, da mesma forma que atribui funções sintáticas e semânticas.

No arcabouço teórico da Gramática Funcional, Dik (1989; 1997) destaca que para se chegar às expressões lingüísticas superficiais, são necessárias regras de colocação para atribuírem posições aos constituintes de uma dada estrutura subjacente. Essas regras, segundo o autor, obedecem a determinados princípios restritores das possíveis seqüências dos constituintes. Assim, essa teoria de ordenação postula que cada língua apresenta um ou mais padrões funcionais, conforme o esquema geral em (5).

(5) P2, P1 (V) S (V) O (V), P3<sup>1</sup>

A operação das regras de colocação<sup>2</sup>, segundo Dik (1989), ocorre de tal maneira que, em primeiro lugar, são alocados os constituintes que podem ocupar a posição P1, tais como *palavras-Qu*, *pronomes relativos* e *conectores subordinativos*. Se nenhum constituinte desse tipo estiver presente, então, podem ser colocados em P1 constituintes com as funções pragmáticas de *Foco* (informação de maior saliência), *Tópico* (sobre o que se fala) ou *Organizador de Cenário* (informação que situa o EsCo em relação às coordenadas de tempo,

espaço e outras circunstâncias), proposta por Hannay (1991) e Bolkestein (1998), e investigada por Cucolo (2002) em seu trabalho sobre os constituintes adverbiais de nível 1 e 2 no português falado do Brasil<sup>3</sup>.

Nessa perspectiva, para Neves (1994, p. 109), qualquer abordagem funcionalista de uma língua natural, na verdade, tem como questão básica de interesse a verificação de como se obtém a comunicação com essa língua. É por essa razão que autores como Dik (1989), Pezatti (1998) e Connolly (1998) assinalam que as expressões lingüísticas só podem ser devidamente compreendidas, quando levadas em consideração as informações contextual e situacional disponíveis aos interlocutores no momento da interação, já que é durante esse processo em que muitas de suas propriedades (formais e funcionais) são co-determinadas.

### 3 Escopo dos Advérbios focalizadores

Analisando o escopo dos AdvFs, constatamos que o Foco, em geral, tende a cair apenas sobre um constituinte da oração, assim como assinalam Dik (1989), Ilari *et alii* (1990) e Ilari (1992). É o que se pode conferir nos dados da tabela 1:

**Tabela 1.** Escopo dos Advérbios focalizadores

	Ocorrências	
	n	%
Complemento verbal (objeto direto + objeto indireto)	193	<b>51</b>
Predicador (verbal + não-verbal)	58	<b>16</b>
Adjunto adverbial	56	<b>14</b>
Sujeito	44	<b>11</b>
Complemento nominal	14	<b>5</b>
Adjunto adnominal	9	<b>3</b>
TOTAL	374	<b>100</b>

Em relação ao estatuto sintático do elemento focalizado, pode-se verificar que o *complemento verbal* é o mais freqüentemente escopado, correspondendo a 51% dos dados. Em princípio, essa tendência se explica pelo fato de a informação nova estar quase sempre relacionada ao comentário da oração; e, assim sendo, é natural que haja alguma estratégia sintática ou não para salientar a informação veiculada pelo complemento além do esperado. Contudo, do mesmo modo que o Foco pode incidir sobre uma informação já conhecida, o complemento também não tem como regra veicular sempre uma informação nova, ou seja, ele também pode carrear informação dada.

Com uma porcentagem expressiva, têm-se como escopo dos AdvFs o *predicador* com 16% e o *adjunto adverbial* com 14% do total de ocorrências<sup>4</sup>. Cabe lembrar que o predicativo foi introduzido no grupo do predicador pelo fato de constituir, nas palavras de Dik, um tipo de predicado não-verbal. Presente

em 11% dos dados, encontra-se o sujeito, que é, segundo Van Valin & Lapolla (1997), o caso de Foco estreito mais nitidamente marcado.

As ocorrências de (6) a (13) representam esses diferentes tipos de escopo:

- (6) Inf *agora essa porção terminal...pertence ao mediastino posterior...e::a sua porção seguinte ou seja...porção descendente...entre parênteses NÃO ( ) porque a porção dependente...nós temos a aorta cervical...ou aorta torácica...e::...aorta lombar... mas...é...a porção descendente entra parênteses...a aorta torácica...ao lado disso...nós vamos encontrar também...um conducto torácico...que é um conducto linfático...* (EF/SA/49:289) = **complemento verbal (objeto direto)**
- (7) Loc *em festa...geralmente assim à noite quando eu vou...assim sair à noite...eu gosto muito também de uísque... sabe?...eu tomo muito uísque...e essas misturas que normalmente eles fazem nos restaurantes...né? gin com tônica eu gosto...gosto de uísque com...puro...o verão a gente toma...eu tomo...eu gosto muito de mate...mate gelado...sabe? mate eu tomo muito mate gelado...*(DID/RJ/328:792) = **complemento verbal (objeto indireto)**
- (8) Inf *entre nós por exemplo... há muita ignorância... nós até já **conversamos** sobre isso...então é difícil se torna difícil...você...formular uma sentença... rigorosamente fechada... baseada de novo...ri:gorosamente...numa interpretação formal...tem que conhecer a lei...* (EF/RE/337:248) = **predicador (verbo)**
- (9) L2 *claro... e uma mesa bem posta por exemplo... eu... eu acho que é uma exigência que... que se faz talvez... por deformação já de berço que se tenha sem com isso eu quero(r) banca(r) o esnobe...né.. mas fica(r)... relaxa(r)...acho que comer bem está exatamente (n)uma postura na mesa...tranquilo queR0 dize(r) é... é... despreocupado* (D2/POA/291:76) = **predicador (predicativo)**
- (10) Inf *eu acho que expliquei isso... então vamos passar... por cima disso... ainda um outro ponto... não é? a segunda resposta vocês têm de uma maneira... um pouco rápida porque já leram... eu volto somente se alguém tiver alguma pergunta... ((intervenção de locutor acidental))* (EF/RE/337:50) = **satélite de condição (s2)**
- (11) Inf *mas em alguns dos desenhos das cavernas principalmente em Altamira... há uma fidelidade... linear à natureza... que consegue mostrar os animais:: em pleno movimento... então o animal saltando... e conseguem transmitir para a gente eXAtamente*

essa idéia de movimento... através:: exclusivamente **de linhas...**  
(EF/SP/405:209) = **satélite de instrumento (s1)**

A definição de escopo dos advérbios focalizadores no português brasileiro

(12) Inf por exemplo na *translação.. o próprio nome já diz... pode ser uma tradução...o homem atua...o indivíduo ou aluno atua sobre a comunicação...ele permanece fiel a essa comunicação...mas utilizando as suas palavras...sem alterar o sentido...*(EF/POA/278:108) = **sujeito**

(13) Inf *sem a máquina realmente... conseguiu alguma coisa em termos etc — eu ia dizendo é o seguinte — que não é à toa que a atual indústria naval japonesa... atual e já no início do século XX...ela havia tido uma das maiores motivações... quais sejam...a saída da ilha...bom...voltando mais atrás ainda no século XIX ...e aí até a **literatura e os filmes** mostram como os japoneses é tiveram que lutar contra o chamado imperialismo branco...né?* (EF/RJ/379:72) = **sujeito**

Como se vê, os AdvFs podem atuar sobre diferentes constituintes da oração, o que comprova o fato de o português, diferentemente de outras línguas, apresentar uma estrutura de Foco flexível<sup>5</sup>. Uma outra prova dessa flexibilidade é conferida nas ocorrências abaixo, em que até mesmo o *complemento nominal*, presente em 4% (14/374) dos dados, e o *adjunto adnominal*, com 3% (9/374), tidos como elementos marginais da oração, são focalizados:

(14) Loc *porque engraçado é que quando a gente viaja...a gente observa que as frutas de outros estados são totalmente diferentes...coisas até **bastante desconhecidas** ...com nomes estranhíssimos e os que nós temos aqui têm nomes diferentes no... noutras regiões né?* (DID/RJ/328:72) = **adjunto adnominal**

(15) L2 *não...tanto é que eu não moro em Recife eu moro em Olinda...eu acho que o meu conceito de morar bem é diferente um pouco da maioria das pessoas que eu conheço...a maioria das pessoas pensa que morar bem é morar num apartamento de luxo...é morar no centro da cidade...perto de tudo...nos locais onde tem assim mais facilidade até **de comunicação ou de solidão** [como vocês quiserem]...* (D2/RE/05:06) = **complemento nominal**

Com relação à tipologia de Foco apresentada por Van Valin & Lapolla (1997) e Van Valin (1999), constatou-se que o Foco estreito, com 100% (374) dos casos, é único tipo de Foco presente no português falado (*corpus* mínimo do Nurc). Já o Foco amplo, representado por *orações* e *sintagmas verbais*, não foi encontrado em nossos dados, pelo menos não no que diz respeito ao Foco marcado pelos Adv. Segundo Van Valin & Lapolla, o Foco amplo se diferencia

do Foco estreito por incluir em seu escopo mais de um constituinte, podendo ser subdividido em Foco de predicado (quando apresenta um comentário sobre o tópico) e em Foco sentencial (quando apresenta um evento ou um novo referente no discurso).

Retomando o que dissemos acima, o Foco estreito de Van Valin & Lapolla é o mais recorrente no PB, porque é o único tipo de Foco que engloba todos os outros casos de escopo previstos por Dik (1989), como: complemento verbal, predicador, adjunto adverbial (satélite), sujeito, complemento nominal e adjunto adnominal. O sintagma verbal, por exemplo, não se insere nessa classificação por incluir mais de um constituinte em sua estrutura, isto é, o verbo predicador mais o seu complemento.

A ocorrência (16) representa um caso de advérbio que marca o Foco estreito:

- (16) L2 *na minha casa por exemplo... se come verdura... eu como... minha mulher não come... meus filhos adoram... principalmente o guri... agora o brasileiro... em princípio eu acho que come muito mal... acho que come muito mal... não é... às vezes muitas vezes talvez seja o... o aspecto do... do poder aquisitivo de cada um né... tem pessoas..(D2/POA/291:14) = Foco sobre o sujeito (Foco estreito)*

Cabe lembrar que no Foco estreito, o termo focalizado pelo advérbio pode tanto ser um SN simples (ocorrência 16) quanto um SN complexo, tal como a ocorrência (17). A única diferença entre os dois casos é a complexidade do termo argumental.

- (17) Inf *quando ele [Pierre Jorge] chama ou quando ele rotula de lutas políticas...ele está se referindo exatamente a essa essência tradicional da economia japonesa ...tá? quer dizer uma uma situação...eu vou repetir...muito diferente do início da economia americana...tá dando pra situar a diferença? (EF/RJ/379:91)*

Em vista dos diferentes tipos de constituintes que são focalizados pelos advérbios, uma observação interessante a se fazer nesse levantamento se refere à forma de manifestação do elemento focalizado, à medida que o português tem-se mostrado, conforme já destacado, bastante flexível em relação às possibilidades de escopo. Com um total de 94% (354/374) dos dados, a forma lexical é a que predomina no *corpus* investigado. Já a forma pronominal com 6% (20/374) mostrou-se estreitamente relacionada às funções sintáticas de sujeito (15 ocorrências) e de objeto (5 ocorrências), tal como se verifica em (18) e em (19):

- (18) L2 *Olinda tem desenvolvido...essas festas populares...em Olinda você tem ciranda...a ciranda é cantada durante o verão em toda Olinda isso é uma beleza...você tem::em época de São João em Olinda você ainda vê fogueira e como se vê fogueira o olindense faz fogueira até em cima do calçamento*  
L1 *também isso você vê Ø em qualquer bairro do Recife*

*também...nos outros bairros do Recife você também vê...agora ô ô ô ô (D2/RE/05:283) = objeto*

A definição de escopo dos advérbios focalizadores no português brasileiro

- (19) L1 *agora quando ele viu que os irmãos aprendiam francês...e ele só que não falava...então ele...quis aprender francês também esse daí aprende francês...versinhos e...vocabulário só...mas::ele que pediu também...ele é::bem esperto sabe?.. (D2/SP/360:1498) = sujeito*

A tentativa de estabelecer um diálogo entre os conceitos operacionais de Van Valin & Lapolla (1997) e Dik (1989) acerca da tipologia de Foco parece-nos produtiva, uma vez que a proposta de Van Valin & Lapolla procura estender a noção de Foco para além de um único constituinte, o que, por sua vez, não é considerado por Dik, para quem a função Foco se restringe aos constituintes da predicação propriamente dita. Entretanto, embora não tenhamos encontrado nenhum caso de Foco amplo no PB, acreditamos que a principal contribuição trazida pela *Gramática de Papel e Referência* de Van Valin e seus colaboradores está na constatação de que, no português falado do Brasil, os AdvFs não costumam atuar sobre o sintagma verbal e sobre a oração, fato que confirma, portanto, a idéia de que a Função pragmática Foco se restringe ao nível da predicação. Na GF de Dik esses casos de Foco sentencial, representados em geral por construções apresentacionais, são mais bem caracterizados como estratégias de introdução de Tópico-Novo, ou seja, de novos referentes no discurso. Notemos que, em (18) e em (19), o Foco recai apenas sobre uma parte da informação (constituente) contida na oração, daí, o fato de o Foco estreito de Van Valin & Lapolla incluir todos os outros tipos de Foco apontados por Dik (1989). Fica aqui, portanto, a sugestão de se investigar em outros *corpora* (português escrito, conversação on-line, etc.) a possível existência de Foco amplo e os meios pelos quais ele é marcado.

Levando-se em consideração ao contexto comunicativo, que se estrutura a partir de alguma informação e/ou conhecimento em comum (cf. LEE, 2001), é interessante notar que a preferência do falante por focalizar um constituinte da oração é, em princípio, explicada por duas razões: 1) são raros os casos em que toda a oração é portadora de informação nova, e 2) a comunicação dificilmente se desenvolve em um contexto em que todas as informações ou são novas ou são velhas (processo típico da oração). Para que haja desenvolvimento, a comunicação precisa estar sempre ancorada em alguma informação já conhecida entre os interlocutores. Dessa forma, os dados apresentados até aqui comprovam a idéia de que o falante sempre parte de alguma informação já dada (conhecida no discurso), para, em seguida, negociar com o seu interlocutor a troca de outras informações não-conhecidas.

Essas colocações são contrárias aos resultados atingidos por Bretan (2001) em seu trabalho sobre as estratégias de focalização no Inglês e no Português, em que se postula a existência de 24 casos de sentenças focalizadas por marcadores especiais (AdvFs), num total de 318 ocorrências. Segundo a autora, são exemplos de Foco amplo ocorrências como:

- (20) Inf *mas até a comunicação de quem mora em Olinda é um pouco*

***diferente de quem mora em Recife*** (D2/RE/05:83) (Brentan, 2001, p.84)

- (21) L2 *oficialmente não está encerrado...mas de fato está porque:...o endocrinologista proibiu terminantemente que eu tenha mais filhos... inclusive...se eu tiver...ele disse que vai ser necessário um aborto...* (D2/SP/360:79) (Brentan, 2001, p.131)

A nossa discordância em relação a essas leituras consiste em duas observações. A primeira delas diz respeito ao escopo do advérbio *até* em (20), que, a nosso ver, se resume ao sujeito “a comunicação de quem mora em Olinda” e não à oração como um todo, até porque, nesse inquérito, com frequência os habitantes de Olinda são comparados aos habitantes de Recife, o que constitui informação dada. Além disso, no que diz respeito à teoria de Dik, um caso como esse de maneira alguma se encaixaria em sua tipologia de Foco, justamente por quebrar os limites da predicação, lugar em que se encerram as funções pragmáticas intra-oracionais de Tópico e Foco. A segunda observação se refere à ocorrência (21), em que *inclusive* é dado como advérbio focalizador. Diferentemente das interpretações de Longhin (1998) e Bretan (2001), defendemos a idéia de que, na posição inicial da oração, o advérbio *inclusive* não exerce a função de marcador de Foco e sim a de satélite oracional ( $\sigma_5$ ), cuja tarefa é localizar o enunciado do falante dentro do contexto discursivo, de modo a restringir o conjunto de perlocuções potenciais de seu enunciado. Essa leitura encontra apoio em outros autores que também percebem um comportamento diferenciado desse advérbio, tais como Ilari *et alli* (1990), Ilari (1992) e Possenti (1992). Entretanto, mesmo que fosse interpretado como advérbio focalizador, o escopo “se eu tiver” não deveria ser classificado como uma oração e sim como um satélite de nível 2, ou melhor, como um satélite de condição.

Entre os trabalhos publicados sobre o Foco, vale destacar em particular o trabalho realizado por Possenti (*op.cit*), que faz uma interessante interpretação sobre esses advérbios de inclusão e exclusão no português brasileiro; conforme o exemplo (22):

- (22) *muitas vezes o professor se dá conta de que ele só exigia o processo mental* (EF/POA/278:41)

Para Possenti, o Foco escolhido, na ocorrência (22), parece ser o sintagma nominal “processo mental”, ou seja, o advérbio *só* exclui tudo aquilo que não for “processo mental” como argumento do verbo “exigir”, ao invés de excluir tudo o que não seja “exigir o processo mental”. Em outras palavras, o escopo de *só* não exclui, segundo Possenti, o verbo *exigir*, e sim aquilo que é tido como seu argumento. No entanto, diante dessas colocações, o que fazemos para resolver aqueles casos discutidos por Stechow (1991), Peregrin (1999) e Heusinger (2000), em que o advérbio *só* ora aparece entre o sujeito e o verbo, ora entre o verbo e o complemento? Não haveria diferenças de sentido nessas ocorrências? O fato de o advérbio *só* colocar-se, às vezes, antes do verbo e não depois dele não pode ser visto como um indicativo de que o

verbo também está sob o escopo do advérbio focalizador? Essas perguntas tornam-se ainda mais claras quando olhamos para as ocorrências a seguir:

A definição de escopo dos advérbios focalizadores no português brasileiro

- (23) L2 *mas...o grande problema na Suécia...você pra comprar produtos... produtos... por exemplo...cigarro*  
L1 *certo...*  
L2 *cigarro vende em qualquer lugar...mas é monopólio estatal...em bebida... Bebida é monopólio estatal e só é vendida em lojas do governo...*  
L1 *não sabia disso...*  
L2 *que você...ah..você só compra...você só compra bebida alcoólica ...a não ser bebida por exemplo...**direta do governo...**quer dizer...você paga imposto... porque é...o (D2/RJ/355:734)*
- (24) Loc (...) *eu às vezes vejo pastel...me dá vontade de comer mas eu procuro evitar e não comer...sabe? então eu tomo só **o cafezinho...** e venho almoçar... geralmente eu almoço em volta de por volta de meio-dia...e janto por volta das sete horas sete e meia... (DID/RJ/328:596)*

Em (23), nota-se que o focalizador aparece entre o sujeito e o verbo, com o escopo incidindo aparentemente sobre o sintagma verbal “compra bebida alcoólica” e, em (24), o advérbio aparece entre o verbo e o seu complemento “o cafezinho”. A grande pergunta a se fazer aqui é se, em (23), o Foco do Adv só realmente recai sobre o sintagma verbal ou sobre o satélite “direta do governo”. Na nossa opinião, o fato de, em determinados contextos, AdvFs como *só* e *também* se colocarem antes ou depois do verbo não impede que eles continuem focalizando apenas o complemento do verbo, característica, assim, que mais uma vez reafirma a importância dos AdvFs na manutenção da ordem canônica dos constituintes oracionais para a marcação de Foco. Essa aparentemente ‘movimentação’ parece ser mais um reflexo das tentativas de se acomodar à estrutura sintática da oração do que propriamente da expressão de diferentes tipos de Foco. O que queremos dizer é que os AdvFs nem sempre se colocam ao lado do elemento a ser escopado, assim como propõem Ilari et alii (1990). A ocorrência (23) é um exemplo de que as observações de Possenti são realmente válidas, uma vez que o que parece ser focalizado não é o sintagma verbal “compra bebida alcoólica” e sim o satélite “direta do governo”<sup>6</sup>, até porque o restante da informação já é do conhecimento dos interlocutores; o que é novo é a informação carreada pelo satélite. O mesmo se observa em (24), em que o Foco incide sobre o complemento “o cafezinho”, isto é, independentemente de o AdvF só aparecer antes ou depois do verbo, o Foco continuará incidindo sobre o complemento “o cafezinho”, que é a informação contrastada no contexto discursivo<sup>7</sup>.

O uso desses critérios informacionais (dado/novo), sem dúvida, ajuda a resolver os casos em que os AdvFs se colocam antes do verbo, mostrando, por exemplo, que Stechow (1991) tinha razão ao dizer que o Foco até poderia

incidir sobre uma estrutura de predicado (sintagma verbal), no entanto, um ou outro constituinte teria uma importância maior dentro desse escopo. Isso significa que ocorrências como (23) são possíveis de serem confundidas como Foco de predicado, porém, uma análise informacional mais atenta mostraria que essas ocorrências, na verdade, constituem casos de Foco estreito (cf. SOUZA, 2004). As ocorrências (25) e (26) abaixo reforçam ainda mais a nossa interpretação:

(25) Inf *[os homens] viviam da coleta... isto é levava a um tipo de vida nômade... por quê?... porque na medida... em que acabava a caça do lugar OU (que) em virtude da época do ano no inverno por exemplo... os animais iam hibernar outros... imigravam para lugares mais quentes eles também precisavam acompanhar... o a migração da caça se não eles iam ficar sem comer... quanto à coleta se eles dependiam... da colheita... de... frutos... raízes... que eles NÃO plantavam... que estava à disposição deles na natuREza... eles também tinham que obedecer o ciclo:...vegetativo... (EF/SP/405:42)*

(26) L1 *porque...eh...eh...a bebida é liberada?*  
L2 *não...não é liberada...ao meio dia fecham todas as lojas de...de vendas de bebida...se você não compra até o meio dia...você só vai poder comprar bebida outra vez na segunda-feira...então no sábado...ah...o pessoal às...a uma hora do meio dia que é onze e trinta o que você vê de gente correndo pela rua pra entrar naquela loja pra fazer fila.. (D2/RJ/355:784)*

Em (25), o Foco expansivo incide sobre o objeto “ciclo vegetativo”, nitidamente contrastado com “migração da caça”<sup>8</sup>. Ou seja, além de obedecer à migração dos animais, os homens da pré-história tinham também que obedecer ao ciclo vegetativo para manterem-se vivos. Trata-se de uma situação semelhante à que ocorre em (22), com o verbo *exigir* (informação dada). Na ocorrência (26), embora o AdvF *só* também esteja alocado antes do verbo, o que se nota é que o Foco incide apenas sobre o satélite “na segunda-feira”, que é nitidamente contrastado com outro dia da semana, o sábado. O restante da informação que se encontra entre o satélite e o advérbio já é dado no discurso, e, portanto, atua apenas como suporte da informação relativamente mais importante.

## Considerações finais

A pressuposição básica para o tipo de investigação efetuada neste trabalho foi o entendimento de que, em virtude do vasto universo das propriedades funcionais da linguagem, o falante, movido por intenções comunicativas, organiza suas expressões lingüísticas de acordo com a avaliação que elabora da informação pragmática do destinatário, numa dada situação de interação verbal (cf. CHAFE, 1976; HOPPER & THOMPSON, 1980; DIK, 1989). Nesse sentido, ao focalizar,

por exemplo, um satélite ou um constituinte qualquer no interior da oração, o objetivo do falante é fornecer ao seu interlocutor informações que ele considera essenciais para a devida compreensão da mensagem.

Com base nos exemplos apresentados até aqui, pôde-se verificar que vários são os tipos de constituintes que podem ser focalizados pelos elementos adverbiais. Um dado importante obtido com esse resultado é o de que o Foco no PB, em geral, recai sobre um único constituinte da oração (complemento verbal, predicador, adjunto adverbial, sujeito, complemento nominal, etc.), mostrando, por exemplo, que os AdvFs não marcam o chamado Foco amplo proposto por Van Valin & Lapolla (1997) e Van Valin (1999; 2003). A preferência é pelo Foco estreito, que, por sua vez, engloba todos os outros tipos de Foco citados por Dik (1989). Sobre esse fato, constatou-se que os casos de Foco sentencial elencados por autores como Bretan (2001), na verdade, são exemplares de Foco estreito, já que podem ser perfeitamente explicados pelos parâmetros informacionais de *dado/novo*, principalmente naquelas ocorrências em que o AdvF só se coloca antes do verbo predicador.

### Abstract

According to Dik (1989), Van Valin & Lapolla (1997) and Van Valin (1999), the aim of this paper is to investigate the syntactic, semantic and pragmatic aspects associated to the use of focus adverbs in assignment of Focus to certain constituents of the clause, in spoken Brazilian Portuguese. In other words, our aim here is to verify if in Brazilian Portuguese the Focus falls upon only one clause constituents or if it surpasses the syntactic limits stipulated by it (clause).

Keywords: Functional grammar; Focus adverbs; Focus; Scope.

### Notas

<sup>1</sup> Para Pezatti & Camacho (1997), o padrão geral de ordenação para o português brasileiro é esquematizado por: **P2, P1 (S) V (S) O X, P3**, em que o X é usado para indicar a posição dos satélites adverbiais e S a posição variável de sujeito.

<sup>2</sup> P2 e P3 são as posições reservadas, respectivamente, para Tema (*Theme*) e Antitema (*Tail*).

<sup>3</sup> O satélite  $\sigma_2$  de *Tempo* abaixo exerce a função pragmática de *Organizador de Cenário*:

(i) *é assim vamos (lá)...eles ah...(...) então depois naquele jantar eles sorteiam outros casais...uns: quatro casais...para organizarem outro...jantar* (DID/POA/45:23)

<sup>4</sup> O Adjunto adverbial é identificado na GF como satélite.

<sup>5</sup> Sobre o fato de Van Valin (1999) afirmar que o PB apresenta uma estrutura sintática flexível e uma estrutura de foco também flexível, argumentei em um trabalho apresentado no “The 2003 International Course and Conference on Role and Reference Grammar”, que o português apresenta sim uma estrutura de foco flexível (qualquer constituinte pode ser focalizado), porém com uma estrutura sintática relativamente flexível (nem tão rígida e nem tão flexível), haja vista que os AdvFs constituem uma das estratégias de foco mais utilizadas pelo falante para focalizar um constituinte sem precisar alterar a ordem deles. Em outras palavras, o falante faz uso dos AdvFs quando pretende destacar alguma informação (algum constituinte da oração) sem ter de alterar a ordem dos termos oracionais.

<sup>6</sup> Em (23), ao utilizar o Adv só para marcar o Foco, a informação destacada pelo falante é a de que, na Suécia, a bebida alcoólica não é muito fácil de se comprar, a não ser que se compre *diretamente do governo*.

<sup>7</sup> Nessa ocorrência, o contraste é estabelecido entre tomar apenas o cafezinho [e não comer os salgadinhos da cantina da escola], ou seja, entre cafezinho e pastel.

<sup>8</sup> Segundo Rios de Oliveira (em comunicação pessoal), o fato de “ter que...” ser considerada uma estrutura cristalizada é mais um argumento que corrobora a nossa interpretação, haja vista que essa

## Referências

- BOLKESTEIN, A. M. What to do with Topic and Focus? Evaluating pragmatic information. In.: HANNAY, M.; BOLKESTEIN, A. M. (Eds.). *Functional Grammar and verbal interaction*. Amsterdam: John Benjamins, 1998, p. 193-214.
- BRAGA, M. L. *Fala, escrita e estratégias de focalização*. SériEncontros. Araraquara, Ano XVI, n. 1, 1999, p. 281-298.
- BRETAN, P. F. C. *Estratégias marcadas de focalização no inglês e no português falado: análise contrastiva*. 2001. 153f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) - IBILCE/UNESP, Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 2001.
- CONNOLLY, J. H. Information, situation semantics and Functional Grammar. In.: HANNAY, M.; BOLKESTEIN, A. M. (Eds.). *Functional Grammar and verbal interaction* (Studies in Language Companion Series, 44.). Amsterdam: John Benjamins, 1998, p. 167-190.
- CUCOLO, G. R. *Os constituintes adverbiais de nível 1 e 2 em posição inicial da oração*. 2002. 70f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos). IBILCE/UNESP, Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 2002.
- CHAFE, W. Givenness, contrastiveness, definiteness, subject, topics and point of view. In.: LI, C. (Ed). *Subject and topic*. New York: Academic Press, 1976.
- DIK, S. C. *The theory of Functional Grammar I*. Dordrecht: Foris, 1989.
- \_\_\_\_\_. *The theory of Functional Grammar II*. New York: Mouton, 1997.
- HANNAY, M. *Pragmatic function assignment and word order variation in a Functional Grammar of English*. Journal of Pragmatics, v. 16 (2), p. 131-155, 1991.
- HENGEVELD, K. Adverbs in Functional Grammar. In.: WOTJAK, G. *Toward a Functional Lexicology*. Tübingen: Niemeyer, 1997, p. 121-136.
- HEUSINGER, K. V. Focus Particles, Sentence Meaning, and Discourse Structure. In.: W. Abraham & A. ter Meulen (Eds.). *Making Sense: From Lexeme to Discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- HOPPER, P.; THOMPSON, S. *Transitivity in grammar and discourse*. Language, v. 56, p. 251-99, 1980.
- ILARI, R.; CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M.; FRANCHI, C.; OLIVEIRA, M. A.; ELIAS, M.S.; NEVES, M. H. M.; POSSENTI, S. Considerações sobre a posição dos advérbios. In.: CASTILHO, A. T. *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. UNICAMP/FAPESP, v. I, 1990, p. 63-141.
- ILARI, R. Sobre advérbios focalizadores. In.: \_\_\_\_\_. *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. UNICAMP/FAPESP, v. II, 1992, p. 193-212.

LEE, B. H. *Mutual knowledge, background knowledge and shared beliefs: their roles in establishing common ground*. *Journal of Pragmatics*, v. 33, p. 21-44, Jan (1). 2001.

LONGHIN, S. R. O constituinte pragmático intra-oracional: Foco. In.: *Estudos Lingüísticos*, v. 27, São José do Rio Preto, p. 218-225, 1998.

NEVES, M. H. M. *Uma visão geral da gramática funcional*. ALFA, São Paulo: Editora Unesp, v. 38, p. 109-128, 1994.

PEREGRIN, J. *Topic, Focus and the Logic of Language*, 1999. Disponível em: <[www.Cuni.cz/peregrin/html](http://www.Cuni.cz/peregrin/html)>. Acesso em: 20 de junho de 2003.

PEZATTI, E. G. *A função pragmática Foco em expressões adverbiais, sob o enfoque funcionalista de DIK*. III Congresso Internacional da ABRALIN. Faculdade de Letras/UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. *Constituintes pragmáticos em posição inicial: distinção entre Tema, Tópico e Foco*. ALFA, São Paulo: Editora Unesp, v. 42, p. 133-150, 1998.

\_\_\_\_\_.; CAMACHO, R. G. *Aspectos funcionais da ordem de constituintes*. D.E.L.T.A. São Paulo, v. 13, n. 2, p. 191-214, 1997.

POSSENTI, S. Ordem e interpretação de alguns advérbios do português. In.: ILARI, R. *Gramática do português falado*. Campinas: Ed. UNICAMP/FAPESP, v. II, 1992, p. 305-313.

SOUZA, E. R. F. *Os advérbios focalizadores no português falado do Brasil: uma abordagem funcionalista*. 2004. 175f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos). IBILCE/UNESP, Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 2004.

STECHOW, A. V. Focusing and Backgrounding Operators. In.: Abraham, W. (Ed.). *Discourse Particles: Descriptive and Theoretical Investigations on the Logical, Syntactic and Pragmatic Properties of Discourse Particles in German*. Amsterdam: Benjamins, 1991, p. 37-84.

VAN VALIN, R. D. *Information structure, syntax and linking*. The 2003 International Course and Conference on Role and Reference Grammar. 2003, São José do Rio Preto, p. 1-19.

VAN VALIN, R. D. Typology of the interaction of Focus Structure and Syntax. In.: RAXILINA, E. & TESTELEK, J. (Eds.). *Typology and the Theory of Language: from description to explanation*. Moscow: Languages of Russian Culture, 1999. Disponível em <http://wings.buffalo.edu/linguistics/research/rrg.html>. Acesso em 08/07/2003.

VAN VALIN, R. D.; LaPOLLA, R. Information structure. In.: \_\_\_\_\_. *Syntax: structure, meaning and function*. Cambridge: University Press, 1997, p. 199-237.